

## O COMPORTAMENTO GEOLINGUÍSTICO DO (R) POSVOCÁLICO NOS ATLAS BRASILEIROS PUBLICADOS

Celeste Maria da Rocha Ribeiro<sup>1</sup>

**RESUMO:** Este trabalho constitui um estudo sobre o (r) em contexto posvocálico medial, nos atlas que já foram publicados no Brasil. Objetiva verificar como tal variável comporta-se nesses atlas, evidenciando as variantes mais frequentes em cada estado representado pelos atlas linguísticos.

**PALAVRAS-CHAVE:** Variação linguística. Atlas linguísticos. Vibrante em coda silábica medial.

**ABSTRACT:** This work constitute a study about (r) in mediun posvocalic context in the atlas published in the Brazil. Consist to show the behavior of this variable in the atlas, emphasizing the variants more frequents in each state represented by the atlas.

**KEY-WORDS:** Linguistic variation. Linguistics atlas. Vibrant in code silabic medial.

### INTRODUÇÃO

Os estudos linguísticos nos mostram que alguns componentes das línguas constituem-se em variáveis que têm um processo de variação bastante produtivo. Entre essas variáveis destacamos o (r), pois quer em posição inicial, medial ou final de palavra, geralmente ele se realiza de maneira diversificada na língua, daí ser considerado um fenômeno que retrata a mudança linguística no Brasil. Assim é que procuramos observar como o (r) em contexto posvocálico medial apresenta-se nos Atlas Linguísticos do Brasil que já foram publicados, ou seja, se há também diversidade de realizações para essa variável no campo geográfico ou se essa diversidade limita-se aos aspectos sociolinguísticos, conforme registram estudos realizados por Callou (1979) no Rio de Janeiro; Callou, Moraes & Leite (1996) em Porto Alegre, São Paulo, Rio de Janeiro, Salvador e Recife; Monaretto (2000) em Porto Alegre, Florianópolis e Curitiba; Hora & Monaretto (2003) em João Pessoa e Oliveira (2002) em Itaituba no Pará.

---

<sup>1</sup> Mestre em Linguística/UFPa. Professora do Departamento de Letras e Artes/UNIFAP.

Partindo desse propósito é que julgamos importante fazer o levantamento da forma de realização da vibrante nos estados brasileiros que já possuem seus atlas publicados, visto que no desenvolvimento de nossa pesquisa sobre o (r) posvocálico medial nos estados do Amapá e Pará, a qual resultou em nossa dissertação de mestrado, procuramos traçar no tópico acerca do perfil geográfico do (r) um panorama de como essa variável apresenta-se nos atlas que já foram publicados.

Dessa forma, este estudo constitui em um recorte dessa dissertação sobre o comportamento do (r) nos atlas publicados, procurando apresentar as variantes por meio das quais a vibrante manifesta-se no uso pelos falantes, a fim de ratificar a pluralidade do processo de variação linguística presente na realização da referida variável, conforme atestam estudos e pesquisas já desenvolvidas, como as citadas anteriormente.

## **1- O (r) no Português Brasileiro**

O (r) na língua portuguesa é classificado como uma consoante líquida vibrante que, de acordo com Câmara Jr.(1986, p.161) “caracteriza-se pela vibração da língua junto à arcada dentária superior ou um ponto do céu da boca, inclusive a úvula, o que determina uma ampla possibilidade de diversificação fonética”.

As primeiras gramáticas portuguesas pouco informam sobre a pronúncia do (r). O objetivo maior é sempre retratar a existência de dois tipos de (r) um simples e um dobrado e fazer considerações acerca de sua ortografia. Fernão de Oliveira, João de Barros, Duarte Nunes de Leão, entre outros sempre deixavam clara somente essa abordagem quando se referiam ao /r/.

Celso Cunha (1975) considera o (r) a partir dos seguintes aspectos:

Classificamos o /r/ como uma consoante velar, por ser esta a sua pronúncia normal no Rio de Janeiro e em extensas áreas do país. Salienta-se, porém que na pronúncia normal portuguesa ela é uma vibrante ápico-alveolar múltipla... Apontem-se ainda, entre as realizações que apresenta no Brasil, a de vibrante dorso-uvular múltipla...e a de vibrante linguo-palatal velarizada múltipla, que é a do /r/ chamado caipira...”.

Marroquim (1996: 73) refere-se ao (r) em português informando que “o r inicial é sempre forte rr”. O r múltiplo, inicial e medial sofre uma mudança de ponto de articulação no falar nordestino. “Passa de lingual dental tremulante, para gutural ligeiramente tremulante, com um sensível som aspirado. A articulação é no fundo da garganta e essa peculiaridade prosódica não sofre restrição. É de todos nós, cultos e incultos” (Id. Ibid.p.31).

Segundo Bisol (1999) é na posição posvocálica que vamos encontrar maior variação da vibrante. Ela registra também que as realizações do (r) como uvular e velar datam do fim do século passado e têm-se estendido por diversas áreas brasileiras. A referida autora destaca como variantes do (r), sobretudo na posição posvocálica: vibrante /  $\square$  /, fricativa velar /  $\text{ʁ}$  /, uvular /  $\text{X}$  /, aspirada /  $\text{ʁ}^h$  /, vibrante simples (tepe alveolar) /  $\text{r}$  / e tepe retroflexo /  $\text{r}^h$  /.

As diferentes formas de realização do (r) apresentadas pelos autores consultados, muitas vezes, são condicionadas pelo contexto fonético no qual assimilações de sonoridade podem ocorrer. Com isso, dependem igualmente da forma de uso ou do sotaque predominante nas diferentes regiões do Brasil.

Observando o comportamento do (r) desde o latim até o português atual verificamos que o (r) simples manteve sua articulação anterior (alveolar), mas o (r) dito forte, (vibrante múltipla), passou por um processo de posteriorização, saindo de pré-palatal a uvular ou velar. Vale ressaltar que o (r) como velar deixa de ser vibrante, pois Silva (2001, p. 41) registra que os foneticistas consideram a vibrante velar como uma articulação impossível de ser realizada, visto que não há no véu palatino o que vibrar, por isso desenvolve – se como fricativa.

## 2 - Variações do (r): Perfil Geolinguístico nos Atlas Publicados

### 2.1 – Aspectos Metodológicos

Neste tópico pretendemos mostrar a ocorrência da variação do (r) em posição posvocálica medial nos atlas regionais que já foram publicados, a partir da observação das cartas que evidenciam a ocorrência dessa variável. Para isso pesquisamos em cada um dos nove atlas que já foram publicados no país como ocorreu tal variação.

Selecionamos as cartas que continham o fenômeno em estudo, verificamos as variantes presentes em cada uma dessas cartas e em seguida registramos as variantes que ocorriam; finalizamos nossa observação, com o destaque e o registro de cada variante realizada em cada uma das cartas, para, posteriormente, destacarmos a (s) variante(s) predominante(s) no estado em questão. Para selecionarmos a variante mais frequente, realizamos a contagem de vezes em termos quantitativos em que determinada variante foi registrada no atlas e aquela que aparecia com maior frequência nas cartas, julgávamos ser a predominante na região.

Assim, apresentamos abaixo os resultados obtidos a partir de nossa observação. Ressaltamos, ainda, que nosso objetivo nesse estudo é tão somente mostrar as variantes predominantes da variável (r) através das cartas fonéticas que evidenciam tal variável nos atlas; vale ressaltar que não buscaremos explicar, justificar ou levantar hipóteses acerca da predominância ou do uso de determinadas variantes que aparecem nas cartas dos atlas, pois isso foge no momento do escopo desse estudo, já que esse artigo tem como objetivo principal somente apresentar as variantes do (r) nos nove atlas que já foram publicados, os quais procuram evidenciar a realidade linguística do Brasil.

Até o momento já foram publicados no Brasil nove atlas, sendo oito estaduais e um regional. São eles em ordem cronológica de publicação: atlas prévio dos falares baianos (APFB), publicado em 1963; esboço de um atlas lingüístico de Minas Gerais (EALMG) de 1977; atlas lingüístico da Paraíba (ALPB), publicado em 1984; atlas lingüístico de Sergipe (ALS), em 1987; atlas lingüístico do Paraná (ALPR), de 1994; atlas lingüístico-etnográfico da região sul do Brasil (ALERS), publicado em 2002; atlas lingüístico sonoro do Pará (ALISPA), de 2004; atlas lingüístico de Sergipe II (ALS II), em 2005 e o atlas lingüístico do Amazonas (ALAM), publicado em 2006. Apresentaremos abaixo uma descrição sucinta dos principais aspectos metodológicos caracterizadores de cada um desses atlas.

**1. Atlas Prévio dos Falares Baianos:** Foram 50 localidades rurais pesquisadas, de 02 à 06 informantes por localidades totalizando 100, esses informantes tinham

idades entre 25 a 84 anos, do sexo masculino e feminino, com escolaridades variando entre analfabeto e semialfabetizado. Os questionários utilizados continham 182 perguntas semântico-lexicais.

2. **Esboço de um atlas linguístico de Minas Gerais:** 116 localidades rurais pesquisadas, sendo 01 informante por localidade, totalizando 116. Com idades variando entre 30 a 50 anos, todos do sexo masculino e com escolaridade fundamental incompleto. Usou um questionário semântico-lexical com 412 perguntas, distribuídas em 08 áreas semânticas.

3. **Atlas Linguístico da Paraíba:** 25 pontos de inquéritos, é do tipo rural e urbano, foram de 03 a 10 informantes por localidades totalizando 100, com idade variando entre 30 a 75 anos, do sexo masculino e feminino e escolaridade entre analfabeto, semialfabetizado e alfabetizado. O questionário usado contém 877 perguntas de natureza semântico-lexical.

4. **Atlas Linguístico de Sergipe:** Foram 15 localidades da zona rural, com 02 informantes por localidades totalizando 30. Com idade variando entre 32 a 52 anos, do sexo masculino e feminino e escolaridade entre analfabeto, semialfabetizado e alfabetizado. O questionário usado com 686 perguntas de natureza semântica.

5. **Atlas Linguístico do Paraná:** 65 localidades rurais, tendo 02 informantes por localidade, totalizando 130. Com idade entre 30 a 65 anos, do sexo masculino e feminino e escolaridade variando de analfabeto a ensino fundamental completo. O questionário de 325 perguntas de natureza semântico-lexical e um relato de experiência pessoal.

6. **Atlas Linguístico Etnográfico da Região Sul:** 275 localidades rurais e 19 urbanas, sendo 01 informante por localidade totalizando 294, com idade entre 28 a 58 anos, do sexo masculino e escolaridade variando entre analfabeto, semialfabetizado e alfabetizado. Foi usado um questionário semântico-lexical com 800 perguntas, o questionário morfossintático com 75 perguntas e o questionário fonético-fonológico com 50 perguntas.

7. **Atlas Linguístico Sonoro do Pará:** 10 localidades urbanas, com 04 informantes por localidades totalizando 40. Todos com idades entre 18 a 30 anos e 40 a 70 anos, do

sexo masculino e feminino, grau de escolaridade até o primeiro grau completo. Foi usado o questionário fonético-fonológico com 157 perguntas.

**8. Atlas Linguístico do Amazonas:** 09 localidades rurais, 06 informantes por localidades totalizando 30, com idade entre 32 a 52 anos e do sexo masculino e feminino, com escolaridade variando entre analfabeto, semialfabetizado e alfabetizado. Foi utilizado o questionário fonético-fonológico com 162 perguntas e o questionário semântico-lexical com 329 questões.

## 2.2 – Análise dos Resultados

Nesta abordagem mostraremos o resultado de nossa pesquisa e observação acerca do (r) em contexto posvocálico medial nos atlas brasileiros publicados, a fim de que possamos, em seguida, traçar um paralelo da realização dessa variável no português do Brasil. Dessa forma apresentamos abaixo esse resultado, considerando a ordem cronológica de publicação dos atlas.

### 2.2.1 - ATLAS PRÉVIO DOS FALARES BAIANOS (APFB)

São registradas nesse atlas 155 cartas, dentre as quais, doze apresenta o (r) em posição posvocálica medial. São elas: “arco-íris” (carta 3), “articum” (carta 41), “porcelana” (carta 46), “dorna” (carta 49), “corpo” (carta 61), “torneira” (carta 70), “cabo verde” (carta 81), “aborto” (carta 89), “argueiro” (carta 90), “terçol” (carta 91), “dordolho” (carta 92) e “lagartixa” (carta 125). A referida variável apresenta para a área geográfica, a qual esse atlas refere-se as seguintes variantes: fricativa velar [χ], vibrante simples alveolar [r], vibrante múltipla alveolar [r̥], vibrante retroflexa [ɻ] e apagamento [∅]. A variante predominante na região baiana é a fricativa velar [χ], visto que ela ocorre em todos os pontos de inquérito observados, apenas na carta 90 é que tal variante ocorre com a mesma frequência de uso que a variante vibrante múltipla alveolar [r̥], ou seja, ocorrem em 9 localidades; as demais variantes tiveram as seguintes ocorrências: a vibrante simples alveolar [r] apareceu em apenas 8, dos 50 pontos analisados; a

vibrante retroflexa[ɽ] em cinco pontos de inquérito, nas cartas 46 e 81; e a variante apagamento[ɾ̥] foi registrada em 19 pontos, nas cartas 46 e 125.

Assim, verificamos através da observação das cartas do APFB que o (r) em posição posvocálico medial apresenta como variantes mais significativas no estado da Bahia, em ordem decrescente de freqüência de uso: a fricativa velar, a vibrante múltipla alveolar e a vibrante simples alveolar.

### 2.2.2 – ESBOÇO DE UM ATLAS LINGÜÍSTICO DE MINAS GERAIS (EALMG)

O Esboço de um Atlas Linguístico de Minas Gerais registra entre as suas cartas, 4 ocorrências, nas quais aparecem vocábulos com o (r) em contexto interno posvocálico, tais como “arco-íris” (carta 2), “arco-da-velha” (carta 3), “orvalho” (carta 5) e “salto mortal” (carta 29); evidenciamos que esta variável realiza-se de duas formas predominantes: como vibrante (fricativa) velar [ʁ] conforme cartas 2, 3, e 29 e como vibrante alveolar sonora [r] que aparece na carta 5. A carta 29 registra também a ocorrência da variante vibrante retroflexa [ɽ]; Observamos essas ocorrências considerando o número de localidades do estado de Minas Gerais que registram cada variante investigada. A variante vibrante alveolar [r] ocorre em 3 pontos de inquérito, os quais localizam-se na região sul do estado e que geograficamente estão próximos uns dos outros. A variante vibrante retroflexa [ɽ] é mais freqüente nos pontos localizados na região oeste do estado, mas ocorre também em dois pontos ao sul do estado e em dois pontos mais ao norte. A variante vibrante (fricativa) velar [ʁ] é a mais freqüente e pode ser observada na maioria dos pontos de inquérito espalhados por todo o estado de Minas Gerais. Essas localidades de inquérito caracterizam zonas rurais do referido estado.

Dessa forma registramos como variantes para o (r) em contexto posvocálico medial no EALMG a partir da freqüência de uso, em primeiro a vibrante velar, seguida pela vibrante retroflexa e em terceiro a vibrante alveolar.

### 2.2.3 – ATLAS LINGÜÍSTICO DA PARAIBA (ALP)

Aragão (1997) mostra em 14 cartas fonéticas do Atlas Lingüístico da Paraíba a ocorrência do (r) posvocálico medial, através dos vocábulos “orvalho” (carta 27), “mormaço (carta 29)”, “arco-íris (carta 31)”, arco-celeste” (carta 32), “corpete” (carta 53), “terçol (carta 72)”, “argueiro (carta 79)”, “aguardente (carta 90)”, “quartinha (carta 113)”, “porquinho (carta 120)”, “cortiço (carta 122)”, “borboleta (carta 125)”, “árvore (carta 131)” e “pé-de-árvore (carta 132); a predominância é da variante vibrante aspirada  $\text{r}^h$ . Tal realização ocorre nos 25 municípios estudados.

Uma outra realização frequente do (r) medial posvocálico observado neste atlas é o zero fonético  $\text{r}^0$ , o qual é registrado nas cartas 29, 32, 53, 122, 125 e 132; além dessas variantes, ocorre também a realização da variante vocalização  $\text{r}^v$ . A vibrante aspirada  $[\text{r}^h]$  ocorre com maior frequência em todos os pontos de inquérito do referido atlas, inclusive na capital do estado - João Pessoa- (ponto 1); no entanto, seis localidades a leste do estado registram a presença mais frequente da variante zero fonético  $\text{r}^0$ ; mas nos pontos do extremo sul e oeste do estado, essa variante (zero fonético) não ocorre. A variante vocalização  $\text{r}^v$  se realiza em diferentes pontos do mapa, sobretudo no extremo leste do estado da Paraíba, mas em uma frequência de uso reduzida. Assim, registramos como variante predominante para o (r) posvocálico medial na fala paraibana, a vibrante aspirada  $\text{r}^h$ .

#### 2.2.4 – ATLAS LINGÜÍSTICO DE SERGIPE (ALS I)

Ferreira & Mota no Atlas Linguístico de Sergipe I, identificam a variação do (r) posvocálico medial em 5 cartas fonéticas por meio dos vocábulos “arco-íris (carta 3)”, “aborto (carta 94)”, “terçol (carta 98)”, “dordolho (carta 99)” e “lagartixa (carta 124)”. Analisando estas cartas, verificamos a predominância da variante fricativa velar  $[\text{r}]$  em todo o estado. Dos 15 pontos de inquérito analisados essa variante só não ocorre no ponto 65, localizado no extremo norte do estado de Sergipe, onde a frequência é da vibrante retroflexa  $\text{r}^r$ ; nas demais localidades do referido estado, a variante fricativa velar  $[\text{r}]$  ocorre plenamente (100 %); em apenas dois pontos de inquérito, essa variante concorre com outras variantes: no extremo leste do estado ela concorre com a



vibrante retroflexa [ʁ] e com a vibrante múltipla alveolar [r̥]. Os locais nos quais ocorre a vibrante retroflexa estão geograficamente próximos, pois todos se situam no extremo leste do estado. Este atlas é predominantemente rural, visto que todos os pontos de inquérito caracterizam localidades pertencentes à zona rural. Evidenciamos que no ALS I as variantes para o (r) posvocálico medial em ordem decrescente de frequência de uso são: a fricativa velar, a vibrante retroflexa e a vibrante múltipla alveolar.

### 2.2.5 - ATLAS LINGÜÍSTICO DO PARANÁ (ALPR)

O Atlas linguístico do Paraná registra em 7 cartas o (r) posvocálico medial: “arco-íris” (carta 34), “árvore” (carta 59), “hortelã” (carta 92), “lagarto” (carta 28), “pernilongo” (carta 143), “borboleta” (carta 144) e “tuberculose” (carta 213). As variantes que aparecem registradas nesse atlas para a variável em estudo são: a vibrante simples retroflexa [ʁ], a vibrante simples alveolar [r̥] e a vibrante múltipla retroflexa [r̥̃]. No entanto, a mais freqüente é a vibrante simples retroflexa [ʁ], pois ela ocorre na maioria dos pontos de inquérito investigados, com exceção da carta 128, na qual se registra uma ocorrência para essa variante, equivalente à ocorrência para a variante vibrante múltipla retroflexa [r̥̃]. Assim, evidenciamos no ALPR a predominância para o (r) em contexto posvocálico medial, da variante vibrante simples retroflexa.

### 2.2.6 - ATLAS LINGÜÍSTICO – ETNOGRÁFICO DA REGIÃO SUL (ALERS)

O ALERS apresenta o (r) na posição posvocálica medial através de 4 cartas fonéticas nas quais podemos destacar nos três estados que abrangem a região sul do Brasil, as seguintes variantes: a vibrante simples (tepe alveolar) [r̥], presente nos três estados da referida região; a vibrante múltipla [r̥̃], presente apenas nas cartas 50 e 52, em dois pontos de inquérito dos estados do Rio Grande do Sul e Santa Catarina; a vibrante retroflexa [ʁ], frequente nos três estados; a fricativa velar [x] registrada em 2

pontos do extremo leste de Santa Catarina, nas cartas 50 e 51 e a vibrante uvular [ʁ] a qual aparece em 5 pontos do extremo leste de Santa Catarina.

A partir desses registros, verificamos no ALERS que a variável r em contexto posvocálico apresenta 5 variantes, sendo que as mais frequentes são a vibrante simples (tepe alveolar) e a vibrante retroflexa, visto que essas variantes estão presentes na maior parte dos estados da região sul e, em alguns lugares, a primeira chega a ser predominante e exclusiva.

### 2.2.7 – ATLAS LINGUISTICO SONORO DO PARÁ (ALISPA)

O (r) posvocálico medial também foi retratado no Atlas Sonoro do Pará em 5 cartas fonéticas. Tais cartas referem-se às palavras “pernambucano” (carta 27), “torneira” (carta 81), “braguilha” (carta 87), “perguntar” (carta 110) e “fervendo” (carta 136). Em nossa observação sobre o (r) em contexto medial nessas cartas, podemos evidenciar as seguintes variantes: fricativa glotal surda / sonora [ʁ / ʀ], apagamento [ɹ̥], vibrante múltipla [ʀ̥] e vibrante simples (tepe alveolar) [ʀ]. No entanto, constatamos a predominância, exclusiva em alguns pontos de inquérito, da variante fricativa glotal [ʁ / ʀ] em todas as 10 localidades pesquisadas pelo referido atlas; a variante apagamento só foi usada na carta 136, certamente pelo fato de o (r) está diante de consoante fricativa, visto que tal contexto tende a apagá-lo por favorecer a assimilação entre as consoantes de mesmo modo de articulação. As outras duas variantes - vibrante múltipla [ʀ̥] e tepe alveolar [ʀ] – tiveram um uso muito restrito, pois dentre os 10 pontos de inquérito, apenas 2 locais e um informante em cada local registraram essas variantes. Assim, observamos que o (r) posvocálico medial no estado do Pará apresenta como variantes a fricativa glotal, a vibrante múltipla e o tepe alveolar, sendo que há, quase que, exclusivamente a predominância da variante fricativa glotal no estado paraense.

### 2.2.8 – ATLAS LINGUISTICO DE SERGIPE II (ALS II)

O Atlas Linguístico de Sergipe II apresenta 7 cartas fonéticas com o (r) posvocálico medial, as quais evidenciam os vocábulos “surdo” (carta 19), “perna muito fina” (carta 24), “tuberculose” (carta 28), “borbulha” (carta 33), “terno” (carta 39), “quarto de dormir” (carta 54) e “porca” (carta 91). Assim como no ALS I também há a predominância da variante fricativa velar [ɣ] para a referida variável. Essa variante realiza-se em quase todos os pontos de inquérito, com exceção do ponto 65, localizado no extremo norte do estado de Sergipe, pois neste a predominância é da variante vibrante retroflexa [ɣ̠]. Além dessas variantes, registra-se no referido atlas a variante vibrante simples alveolar [r] e a fricativa laríngea surda [ʁ̥], sendo que esta ocorreu em uma localidade no extremo leste do estado e aquela em um ponto do extremo sul do referido estado. No entanto as variantes predominantes para o (r) posvocálico medial no ALS II são a fricativa velar e a vibrante retroflexa.

### 2.2.9 – ATLAS LINGÜÍSTICO DO AMAZONAS (ALAM)

Esse atlas registra em 7 cartas fonéticas o (r) em contexto posvocálico medial, através dos seguintes vocábulos: “órfão” (carta 4), “perfume” (carta 22), “perdido” (carta 23), “certo” (carta 24), “árvore” (carta 35), “virgem” (carta 36) e “conversando” (carta 43). Verifica-se como variante predominante, a fricativa glotal (aspirada) [ʔ], pois ela é encontrada em quase todos os nove pontos de inquérito observados no referido atlas, com exceção apenas dos pontos 5 e 6 na carta 36 e do ponto 4 na carta 43, visto que em tais pontos a ocorrência é da variante apagamento [ɸ]; essa variante aparece ainda na carta 35, em cinco pontos de inquérito do extremo oeste e sul do estado. Uma outra variante registrada é a vibrante múltipla [r̥] a qual ocorre em dois pontos de inquérito ao extremo leste do estado do Amazonas, registrada nas cartas 22, 35, 36 e 43. Outra variante detectada é a fricativa velar surda e sonora [ʁ / ʁ̥] as quais ocorrem nas cartas 23 em 4 pontos, sendo três situados no extremo oeste do estado e um no centro norte e nas cartas 24 e 43 que registram o mesmo ponto de inquérito, no extremo norte do país. A variante vocalização realizou-se somente na carta 35, em 3 localidades a oeste do estado e em uma localidade do extremo leste.

Assim, observamos no ALAM como variantes predominantes para o (r) posvocálico medial em ordem decrescente de uso: a fricativa glotal (aspirada), o apagamento, a vibrante múltipla, a fricativa velar surda e sonora e a vocalização. No entanto, a variante mais frequente no referido estado é a fricativa glotal (aspirada).

### 3- Um perfil geolinguístico do (r) em contexto posvocálico medial

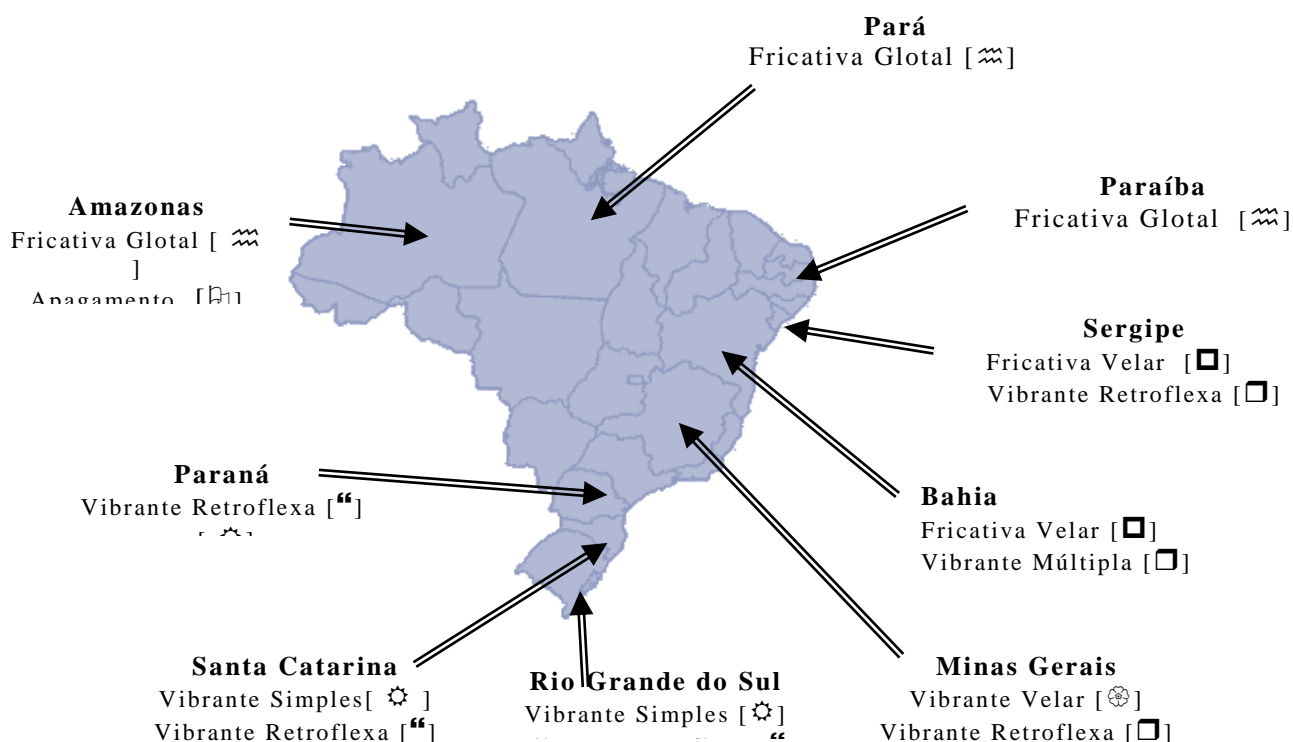


Figura 1 – Mapa com as ocorrências do (r) posvocálico medial pelo Brasil

Por meio da visão geográfica e do trabalho desenvolvido pelos atlas regionais publicados, podemos inferir que o (r) posvocálico medial no Brasil apresenta-se diversificado, não tem uma realização homogênea e nem poderia ter, dados os diversos estudos já feitos, os quais evidenciam uma variabilidade de realizações para essa variável e, sobretudo, nessa posição. Assim, como podemos comprovar pela visão proporcionada pelo mapa acima, há entre as regiões, uma ocorrência muito diferenciada de variantes, visto que na região norte ocorre com mais frequência a variante fricativa glotal surda/sonora (aspirada) [ʁ̥ / ʁ̥], com cerca de 95% de ocorrência

nos dois estados registrados pelos atlas, ao passo que na região sul, a predominância é da variante vibrante simples (tepe alveolar) [ʁ]. Os atlas dos estados da região nordeste apresentam como variante mais frequente a fricativa velar [χ], com exceção do estado da Paraíba, o qual registra com maior frequência de uso a variante vibrante aspirada [ʁʰ].

Merece destaque também as variantes que aparecem como a segunda mais utilizada pelos indivíduos das localidades pesquisadas nos atlas. Os atlas da região norte (ALAM e ALISPA) registram a variante vibrante múltipla como a segunda mais usada, apesar de no ALAM a variante vocalização também ser bastante frequente; no entanto acreditamos que essa variante ocorre apenas em função do contexto, já que tende a haver o apagamento do (r) diante de consoantes fricativas, devido à assimilação que ocorre, uma vez que possuem o mesmo modo de articulação. Os atlas da região nordeste mostram como segunda variante mais usada, registros diferentes: o APFB evidencia a vibrante múltipla alveolar [r̥], o ALS I e o ALS II registram a vibrante retroflexa [ɻ], no ALP ocorre a variante apagamento como a segunda mais usada e o EALMG, referindo-se a um estado da região sudeste, apresenta a vibrante retroflexa [ɻ]. Nos atlas da região sul ocorrem as seguintes variantes, na ordem de segunda mais usada: o ALPR mostra a variante vibrante simples (tepe alveolar), enquanto que no ALERS podemos verificar que nos estados de Santa Catarina e Rio Grande do Sul é a vibrante retroflexa a segunda variante mais utilizada.

Dessa forma, observamos a diversidade fonética do (r) em contexto posvocálico medial, apesar de dentro da mesma região os resultados mostrarem variantes semelhantes sendo usadas em estados diferentes, como ocorre nos estados do Amazonas e do Pará- região norte; Bahia e Sergipe- região nordeste; Santa Catarina e Rio Grande do Sul- região sul, ainda assim essa semelhança não é de todo homogênea pois ao lado das variantes predominantes em cada um desses estados, há simultaneamente o registro de outras variantes também presentes naquele espaço territorial, as quais muitas vezes são condicionadas ao ambiente linguístico no qual se encontram e em outros momentos estão favorecidas por outros fatores, como o social e o geográfico.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O resultado geral que obtivemos de nossa observação e registro das variantes usadas para a variável *r* em posição posvocálica medial nos atlas publicados mostra essa tendência apontada pelo mapa acima. De um modo geral constatamos a variabilidade da referida variável em plena realização, visto que esse registro proporciona uma visão concreta da realidade dessa variável, no país. Consideramos interessante o fato de no mesmo país ocorrerem variantes distintas para a mesma variável, como se dá entre as regiões norte e sul e tal fato vem apenas ratificar os estudos e pesquisas variacionistas no Brasil e evidenciar a importância e ao mesmo tempo a necessidade de considerar-se o trabalho realizado pela sociolinguística, por meio da dialetologia espacial, nos estudos linguísticos, tanto na área de pesquisa, como na área de ensino.

## REFERÊNCIAS

AGUILERA, Vanderci de Andrade. **Atlas Lingüístico do Paraná – ALPR**. Curitiba: Imprensa Oficial do Estado, 1996.

\_\_\_\_\_. **Atlas Lingüístico da Paraíba**. Cartas Léxicas e Fonéticas. Brasília: UFPB/ CNPq, 1984.

BISOL, Leda. **Introdução aos Estudos de Fonologia do Português**. 2.ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1999.

CALLOU, Dinah. **Variação e Distribuição da Vibrante na Fala Urbana Culta do Rio de Janeiro**. Tese de Doutorado. Rio de Janeiro: UFRJ, 1979.

CÂMARA JR. Joaquim Mattoso (a). **A Estrutura da Língua Portuguesa**. 13. ed. Petrópolis: Vozes, 1986.

CARDOSO, Maria Alice Marcelino. **Atlas Lingüístico do Sergipe II**. Salvador: EDUFBA, 2005.

CRUZ, Maria Luiza de Carvalho. **Atlas Lingüístico do Amazonas**. Rio de Janeiro: UFRJ, 2004. Tese de Doutorado em Língua Portuguesa.

CUNHA, Celso F. **Língua Portuguesa e Realidade Brasileira**, 5ª ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1975.

CUNHA, Claudia; NASCIMENTO, Tiana; RODRIGUES, Deisiane. A Vibrante em Coda Silábica nos Atlas Regionais do Brasil. In: CUNHA, Claudia (org.). **Estudos Geosociolingüísticos**. Rio de Janeiro: UFRJ, 2006. p. 175-185.

FERREIRA, C. ;FREITAS, J. ;MOTA, J; ANDRADE, N.;CARDOSO, S. ;ROLLEMBERG, V.; & ROSSI, N. **Atlas Lingüístico de Sergipe**. Salvador: Universidade Federal da Bahia; Fundação Estadual de Cultura de Sergipe, 1987.

HORA, Demerval da & MONARETTO, Valéria. Enfraquecimento e Apagamento dos Róticos. In: HORA & COLLISCHONN. **Teoria Lingüística: fonologia e outros temas**. João Pessoa: Editora Universitária, 2003.

KOCH, M. ;KLASSMAN, S. & ALTENHOFEN, Cléo V. **Atlas Lingüístico - Etnográfico da Região Sul do Brasil**. Porto Alegre/Florianópolis/Curitiba: Ed. UFRG/ Ed. UFSC/ Ed. UFPR, 2002.

MARROQUIM, Mário. **A Língua do Nordeste**. Curitiba: HD Livros Editores, 1996.

MONARETTO, Valéria Oliveira. A Vibrante Pos-vocálica em Porto Alegre. In: BISOL & BRESCANCINI (Orgs.). **Fonologia e Variação: recortes do português brasileiro**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002.

OLIVEIRA, Marilúcia Barros de. **Manutenção e apagamento do (R) final de vocábulo na fala de Itaituba**. Dissertação de Mestrado; UFPA, 2002.

tPará: CAPES, UTN, 2004.

ROSSI, Nelson. **Atlas Prévio dos Falares Baianos (APFB)**. Rio de Janeiro: MEC – Instituto Nacional do Livro, 1963.

SILVA, Rosa M. **O Português Arcaico: fonologia**. 4.ed. São Paulo:Contexto, 2001.

ZAGARI, M.R.Lobuglio; RIBEIRO, José; PASSINI, José & GAIO, A. Pereira. **Esboço de um Atlas Lingüístico de Minas Gerais**. Rio de Janeiro: MEC; Casa Rui Barbosa; Universidade Federal de Juiz de Fora, 1977.